

Dora Kramer\*

As desventuras em série do clã Bolsonaro

Uma das várias questões em aberto sobre a eleição deste ano é se Flávio Bolsonaro (PL) manterá sua candidatura à Presidência da República. Outra diz respeito ao grau de influência do sobrenome do ex-presidente nas disputas país afora e uma terceira tem a ver com o volume de perdas que atingem a família e companhia.

O pai, preso sem chance por ora de cumprir pena em regime domiciliar e apontado nas pesquisas como responsável pelos próprios erros; o primogênito, alvo de enorme rejeição, arrisca-se a perder a renovação quase certa do mandato de senador pelo Rio de Janeiro.

O filho do meio (Carlos), bombardeado por seus pares da direita, insatisfeitos com sua candidatura ao Senado por Santa Catarina; a madrasta (Michelle), boa de palanque, escanteada pelos enteados; o caçula dos homens (Jair Renan) nada significa para o clã como vereador em Balneário Camboriú.

E Eduardo? Bem, este é um caso especial em matéria de infortúnios cavados com as próprias mãos a poder de reiterados tiros nos pés.

Perdeu o mandato de deputado, perdeu a

chance de se eleger senador por São Paulo, perdeu a condição (falsa, vimos depois) de interlocutor do governo Donald Trump, perderá, tudo indica, o emprego público que lhe rendia estabilidade como escrivão da Polícia Federal que determinou sua volta imediata ao posto.

O ex-deputado afirma não ter intenção de retornar dos Estados Unidos onde antes de ser cogitado pelo pai presidente para comandar a embaixada brasileira, fritou hambúrgueres. Talvez encontre alguma ocupação por lá se conseguir se legalizar como imigrante. Por aqui, o que o aguarda é um processo no Supremo Tribunal Federal por obstrução de Justiça.

Observando o quadro sob o prisma da adversidade que assola Jair Bolsonaro e seus herdeiros, de fato faz sentido a presença de um familiar na disputa pela Presidência. Um tiro alto para manter o nome da tribo em voga ao longo da campanha é o refúgio que resta aos campeões nacionais de prejuízos autoinfligidos.

\*Jornalista e comentarista de política

Aristóteles Drummond

O que deve ser democracia

Destruir conceitos e valores do regime democrático sempre foi uma bandeira da propaganda esquerdista. Prova maior foi a denominação de República Democrática da Alemanha para aquela parte do território alemão que ficou mais de 40 anos sob a ditadura comunista, sem pão nem liberdade. A diferença de qualidade de vida entre os alemães divididos era gritante. Em Berlim, tiveram de construir um muro para evitar a fuga em massa da população. No Brasil, após a abertura promovida pelo governo do Presidente João Figueiredo, não foi nem tem sido diferente.

O nome democracia e o famoso “estado democrático de direito” tem servido para encobrir estes 40 anos de atraso econômico e social. Usam e abusam desta “democracia” para encobrir um estado irresponsável no trato do dinheiro público, promotor de políticas eleitoreiras que bararam o desenvolvimento econômico e social do país. O Brasil desta “democracia” vem crescendo menos do que os demais países. Estamos mal na qualidade e na produtividade. Vivemos da agricultura, pecuária e mineração. Nossa mão de obra é mal remunerada, pois falta qualificação,

de um lado, e bons empregos, por outro. Estão transformando o Brasil num grande balneário. A este tipo de democracia a população deve ser dependente do governo.

Os anos do chamado regime militar foram marcados pela ordem e o progresso. E a baixa corrupção, sem impunidade. Chamam de ditadura os anos de crescimento entre os maiores do mundo na época, segurança e avanços sociais. As estatais davam lucro.

Na verdade, querem apagar da memória nacional os exemplos de notáveis realizadores, civis e militares de 64, que construíram o que temos de grande em nosso país.

Os militares sempre foram atores relevantes na vida nacional, no Império como na República. Foram e são responsáveis pela dignidade no exercício da função pública. Não merecem ser cobrados por desvios em seu papel constitucional para atender interesses eleitorais. Tudo tem seu tempo e sua hora.

Democracia é defender o interesse nacional, a vontade popular, o progresso e a ética no exercício da função pública nos três poderes.

EDITORIAL

Interligando dois dos maiores centros urbanos

O retorno do transporte ferroviário de passageiros ao eixo Campinas–São Paulo deve ser compreendido como muito mais do que uma obra de infraestrutura. Trata-se de uma decisão estratégica que dialoga com o futuro da mobilidade urbana, regional e humana. Em um país marcado por deslocamentos longos, rodovias saturadas e tempo desperdiçado no trânsito, o trem ressurgiu como símbolo de eficiência, racionalidade e progresso.

Campinas não é uma cidade periférica nem coadjuvante. Com população superior à de muitas capitais brasileiras, é um dos maiores centros urbanos do país, com forte presença industrial, tecnológica, acadêmica e econômica. Assim como São Paulo, exerce influência que ultrapassa seus limites territoriais. Conectar esses dois polos por um sistema ferroviário moderno significa reconhecer essa realidade e fortalecer uma região que concentra milhões de pessoas e boa parte da produção nacional.

Os benefícios de um trem rápido e eficiente são diretos e amplos. Reduz o tempo de deslocamento, melhora a qualidade de vida, amplia oportunidades de trabalho e estudo e reorganiza a lógica de ocupação do território. Quem vai e quem volta passa a ganhar tempo, conforto e previsibilidade. A economia regional se dinamiza, o transporte se torna mais sustentável e o cotidiano das pessoas se transforma silencio-

samente para melhor.

Há também um valor histórico que não pode ser ignorado. O Brasil cresceu sobre trilhos. Durante décadas, as ferrovias foram responsáveis por integrar cidades e impulsionar o desenvolvimento. Resgatar esse modelo, agora com tecnologia, segurança e velocidade, não é olhar para trás com nostalgia, mas recuperar uma solução inteligente que o tempo provou ser eficaz.

O trem moderno representa uma mudança de mentalidade. Menos dependência do automóvel, menos pressão sobre rodovias, menos poluição e mais planejamento urbano. É um investimento que não atende apenas à demanda imediata, mas projeta um futuro mais equilibrado, em que mobilidade é entendida como direito.

Ao ligar Campinas à capital paulista por trilhos, o Estado reafirma a importância de pensar a mobilidade em escala metropolitana e humana. Não se trata apenas de encurtar distâncias geográficas, mas de aproximar pessoas, ideias e oportunidades. Um projeto assim beneficia milhões, hoje e amanhã, e reforça que desenvolvimento verdadeiro é aquele que melhora a vida cotidiana sem fazer alarde, apenas funcionando.

O trem entre Campinas e São Paulo é uma escolha que reconhece o tamanho das cidades, a força da região e a necessidade de soluções duradouras.


Opinião do leitor

Doença

O mundo respira por aparelhos, recuperação difícil. O quadro piorou, depois da pandemia. Abusos dominam todos os setores. Crises sérias, criadas por desavenças ideológicas. Ninguém cede. O povo sofre, com a brutal hostilidade dos poderosos.

Vicente Limongi Netto  
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA \* POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: ARSENAL DA MARINHA NO RIO TEM NOVOS DIRETORES

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de janeiro de 1931 foram: Esquadrilha Balbo inicia travessia do Atlântico, rumo ao Brasil. Daniel Salamanca é eleito o novo presidente da Bolívia. Indústria de tecidos da Inglaterra está às voltas com a questão operária. Antiguidades históricas encontradas na Inglaterra e em Portugal. Arsenal da Marinha no Rio tem novos diretores.

HÁ 75 ANOS: ISRAEL APRESENTARÁ NA ONU PLANO DE PAZ PARA A COREIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de janeiro de 1951 foram: Tropas chinesas continuam avançando na Coreia e fazendo os exércitos da ONU recuarem. EUA estão próximos de testes com a bomba de hidrogênio. Israel apresentará na ONU um plano de paz para a Coreia. Obras na Cidade Universitária seguem a todo o vapor. Plano prevê investimento de 700 milhões de cruzeiros no carvão.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral) | Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)

patrickbertholdo@correiodamanha.net.br | redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Thiago Ladeira e Anderson Sá

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Campinas:

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.